

**DE VOCE, DE LITTERIS, DE SYLLABIS NAS ARTES GRAMMATICAE DE
DONATO E DE MÁRIO VITORINO**

Vivian Carneiro Leão Simões*

RESUMO

As *Artes grammaticae* eram um modelo de descrição linguística que ocupou um espaço muito significativo dentre múltiplos modelos e estariam na gênese daquilo que mais tarde seria chamado de “gramática”. O presente trabalho pretende apresentar os resultados de um estudo analítico-comparativo entre duas *Artes grammaticae*, quais sejam, a de Élio Donato e a de Caio Mário Vitorino, mais especificamente entre a apresentação e estruturação dos tópicos *de uoce*, *de litteris*, *de syllabis* e *de pedibus* abordados pelos gramáticos latinos, com a finalidade de investigar e traçar os perfis desse modelo de descrição da língua.

PALAVRAS-CHAVE

Donato, Mário Vitorino, *Ars grammatica*, gramáticos latinos, organização do discurso gramatical.

ABSTRACT

The Artes Grammaticae were a linguistic description model which occupied a very significant space among multiple models and would be part of the genesis of the later called Grammar. This study aims at presenting the results of a comparative analytical study between two Artes grammaticae, which are Aelius Donatus's and Gaius Marius Victorinus's, more specifically between the presentation and structuring of the topics of de uoce, de litteris, de syllabis and de pedibus discussed by the Latin grammarians, aiming at investigating and drawing profiles from this model of language description.

KEYWORDS

Donatus, Marius Victorinus, Ars grammatica, Latin grammarians, Grammatical Speech Organization.

Introdução

O estudo da gramática e da filologia na origem do pensamento metalinguístico

O ‘Crátilo’, de Platão, e o ‘Da Interpretação’, de Aristóteles, registram algumas das mais antigas observações sobre a linguagem de que se tem notícia, elas foram produzidas no âmbito das investigações filosóficas. Desde então o pensamento metalinguístico passou por importantes modificações e às primeiras formulações gregas a cerca da linguagem,

* Professora de Latim da Universidade Federal de Roraima, UFRR. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Faculdade de Ciências e Letras, UNESP – Araraquara. Bolsista Capes/CNPq. Contato: vivian.simoes@ufrr.br.

somaram-se as dos muitos tratados estoicos, dos gramáticos alexandrinos como Dionísio da Trácia e Apolônio Díscolo no século II a. C., e aquelas outras como *De lingua latina*, de Varrão, *Institutio oratoria*, de Quintiliano no século seguinte, ou ainda as *Ars minor* e *Ars maior*, de Donato (séc. IV), de acordo com Fortes (2010: 71).

A *Téchnē grammatikē* de Dionísio da Trácia é a primeira descrição explícita, embora sumária, que se conhece da estrutura da língua grega. Ainda que haja muitas questões em torno de sua autenticidade, “o pensamento gramatical que esse texto representa parece ter sido alcançado na referida época [período alexandrino] e parece ter sido adotado por gramáticos que viveram posteriormente” (ROBINS, 1979: 24). Dessa forma, a *téchnē* já não era mais a arte de ler e escrever, mas, a arte de descrever e expor a estrutura da língua.

Curtius, em capítulo dedicado à relação entre literatura e educação, (1996: 71-98), afirma que “A literatura faz parte da ‘educação’”, dessa forma, já no século IV Homero era um clássico:

Desde então a literatura é disciplina escolar, e a continuidade da literatura europeia está ligada à escola. A educação é portadora da tradição literária: estado de coisas que pertence à característica europeia, mas à qual não está essencialmente condicionado. A dignidade, a independência e a função educadora da literatura foram estabelecidas por Homero e sua influência. (CURTIUS, 1996: 71)

Kaster (1986) traça uma cronologia dessas obras de caráter técnico que pretendiam descrever a língua e sua estrutura e ainda analisa a função do gramático:

The grammarian's profession resembled the modern notion in several obvious ways. His expertise was conceptually distinct, with a cultural tradition of its own—embodied, for example, in the technical handbook (ars, τέχνη), which is his most characteristic document. (...) Finally, from this position of professional competence and authority he could be thought to contribute to the ordered well-being of society in his role as guardian. (KASTER, 1986: 34)

De certa maneira o gramático era, antes de tudo, um “guardião da língua e da cultura” (KASTER, 1986: 35). Conforme lembra Auroux:

La tâche du professeur de grammaire était d'apprendre à lire et à écrire, en commentant les textes à partir desquels se pratiquait cet apprentissage, c'est-à-dire à partir des textes homériques. C'était un enseignement élémentaire large donnant accès aux textes qui constituaient la base de la culture de l'époque. (1989: 201).

Dessa forma, o gramático se tornou uma espécie de “profissional” responsável pela conservação da tradição (e, portanto, da cultura) escrita.

Para Auroux (1989: 200), uma das características primordiais do discurso gramatical é a de “saber-se repositório de saberes oriundos dos textos”, segundo analisa Fortes (2012: 96), tanto diacrônica como sincronicamente, numa descrição metalinguística do sistema linguístico, bem como numa análise do arcabouço cultural ali registrado. De modo que ao *grammaticus* cabia não somente conhecer o funcionamento linguístico e as regras de sintaxe, mas a erudição. Suetônio coloca o *grammaticus* como o profissional encarregado de ser o ‘intérprete dos poetas’ (*poetarum interpres*), e, mais: aquele que não somente escrevia, mas também falava sobre esses assuntos (FORTES, 2012: 97).

De modo que somos conduzidos, necessariamente, a duas propriedades da gramática antiga, como sugere Fortes (2012: 97-8):

1) constituía-se como um discurso que integrava um projeto de formação educacional do romano – de fato, uma etapa formal do currículo em Roma, tal como asseveram Vivien Law (1987: 11): “*it was to this end, mastery of language, that the whole Roman education was directed*” e Marc Baratin (1994: 146): “*Cette discipline, qui n’était initialement qu’une pratique pédagogique, s’est ainsi enrichie secondairement de l’activité philologique*”.

e, 2) sua prática nascia de um contato permanente com a tradição poética, ou, em outras palavras, o gramático era, por assim dizer, um ‘guardião’ em outro sentido: ocupava, de fato, uma posição de relevância social em seu contexto, era o responsável por introduzir o cidadão romano no conhecimento das letras, garantindo-lhe, ao mesmo tempo, a possibilidade de inclusão em novas esferas públicas. (FORTES, 2012: 97-8)

Kaster reflete sobre relação estreita existente entre o saber erudito proveniente dos estudos gramaticais e a relevância profissional aspirada pelo jovem romano

In turn, there was implied in the grammarian's combined functions, and the wide-ranging expectations to which he was subject, a second point concerning his custodia: the grammarian performed as a custos in another sense, occupying a cardinal position in the social and intellectual life of the empire, as he presided over the critical passage from bare literacy, gained in the ludus litterarius, to initiation in the literary culture and the promise of its status and perquisites (KASTER, 1988: 220)

Platão e Aristóteles fazem referência à profissão do gramático (*grammatikói*) e, Vivien Law (2003: 52) lembra que “*in any literate society there are teachers whose job it is to impart the basic skills of reading, writing and numeracy*”, na Grécia Antiga não poderia ser diferente e mesmo o nome ‘gramático’ é derivado de *gramma*, ‘letra’. Inicialmente, a tarefa do professor de gramática era a de ensinar a ler e a escrever, tendo os textos homéricos como

ferramenta para o estudo, tais textos literários perfaziam a base da cultura da época. Nesse mesmo compasso, Baratin (1994: 145) destaca a fundação da Biblioteca de Alexandria no início do século III a. C. e a afirmação do trabalho dos filólogos alexandrinos, que era o de, entre outras tarefas, classificar, estabelecer os textos, comentar e editar a numerosa quantidade de manuscritos da biblioteca para tornar acessível ao público o acervo.

As duas atividades, a dos gramáticos e a dos filólogos, ao menos em sua origem, encontravam-se distintas, muito embora, como destaca Baratin (1994: 146), “*Ces deux activités ont donc été très tôt considérées comme les deux faces d'une même spécialité, la grammaire*” e é possível dizer que, durante toda a Antiguidade, a disciplina gramatical enriqueceu-se com as práticas das atividades filológicas.

Foi somente no final do século II a. C., início do século I a. C., que se pôde observar uma significativa mudança na concepção de gramática, de “competência em matéria de textos” a “sistema da língua”, de acordo com Baratin (1994: 146), no qual seriam organizados os conhecimentos filológicos a fim de construir um conjunto de regras gerais que normatizassem os aspectos sistemáticos da língua latina.

Assim, em um primeiro momento, as *Artes grammaticae* fizeram parte de um programa didático, voltado para o público jovem tendo como finalidade o ensino da língua latina e a apresentação dos textos da literatura e, posteriormente, ganharam o *status* de teoria ou descrição linguística, principalmente quando foram incorporadas outras finalidades para o seu estudo, como a aprendizagem da língua latina pelos estrangeiros, como sugere Fortes (2010: 72).

O esquema progressivo de constituição da linguagem nas *Artes grammaticae*

As *Artes grammaticae* abarcavam um conteúdo mais descritivo da língua latina, que compreendia desde o estudo dos sons e da formação de palavras até as partes do discurso, as suas virtudes e os seus vícios, de modo a orientar a correção da leitura e da escrita. Baratin expõe a estrutura de descrição dos elementos que constituem a língua do seguinte modo:

Pour pouvoir en traiter valablement, la grammaire doit d'abord procéder à une analyse qui dégage les éléments qui constituent la langue, et leurs variations formelles. D'où, comme plan: une première partie sur les éléments (lettres, syllabes, catégories de mots), et une deuxième sur la correction, c'est-à-dire sur les critères qui permettent de l'établir

et, corollairement, sur les manquements dont elle peut faire l'objet, c'est-à-dire sur les fautes (BARATIN, 1994: 147).

Esse modelo de descrição, como uma progressão *uox, littera, syllaba*, remonta a uma prática de ensino de leitura e escrita da língua que parte da letra, para passar em seguida à sílaba, depois à palavra. Essa progressão é inerente ao ensinamento gramatical e isso já o atestara Platão, como lembra Baratin (1994: 146) e, apesar dessa progressão ser prática recorrente entre os artíficos, Law assevera que o ensino de língua independe da fixação de conceitos gramático-linguísticos como ‘letra’, ‘sílabas’ ou ‘palavra’:

Of course, one can teach someone to read without any grammatical concepts more sophisticated than ‘letter’, ‘sound’ and ‘word’: equivalent terms are found in all literate societies, and in most, if not all, preliterate societies. In other words, the ability to read and write – and by implication to devise a writing system – does not presuppose an extensive repertoire of linguistics (LAW, 2003: 52).

A organização dos tratados com base nesse esquema progressivo foi durante muito tempo considerada como uma indicação da influência que teriam exercido os estoicos sobre a sistematização gramatical romana. Law (2003: 60) busca justificar a influência dos estoicos sobre os princípios da gramática em Roma por meio de uma anedota envolvendo gramático, bibliotecário da escola de Pérgamo e filósofo estoico Crates de Malos, que a história tradicional conserva. Estando em Roma em missão diplomática, o filósofo teria escorregado e quebrado a perna e, durante o período em que permaneceu na *urbs* a fim de recuperar-se, ministrou uma série de palestras sobre gramática, sobre Homero e os poetas gregos; tal incidente teria despertado o interesse dos romanos pelos estudos da gramática.

Entretanto, Law (2003: 60) ressalta que verdadeiramente relevante para os estudos linguísticos é a ausência de informações sobre o conteúdo ministrado pelo filósofo, ou ainda, sobre a própria doutrina estoica, fatores esses que diminuem ao caráter especulativo a maior parte das informações que se tem a esse respeito. Mas, não é sem razão que essa associação entre a organização da gramática antiga romana e o modelo estoico manteve-se em vigor durante tanto tempo, ao menos até o século XIX, início do século XX, segundo Law, quando pesquisadores modernos buscaram com maior afinco mais referências sobre o assunto. A progressão das *Artes grammaticae*, som, letra, sílaba, palavra, etc., parece estar implícita na análise estoica da estrutura da linguagem.

Somente um¹ dos diversos documentos sobre a doutrina estoica que chegaram até a posteridade porta uma visão mais completa sobre a tripartição da doutrina estoica em lógica, física e ética e, sobre o desdobramento da lógica, estudo do *logos*, em dialética e retórica. O cerne da análise estoica da estrutura da linguagem encontra-se aí, como parte da dialética; de acordo com Baratin (1994: 148) a primeira parte da dialética estoica tem como objeto principal a análise do significante, enquanto a segunda parte trata do significado.

Baratin (1994: 148-9) analisa a dialética da doutrina gramatical estoica, cuja descrição começa do elemento fônico (*phôné*) em direção à formação de palavras (*logos*), seria, pois, um tipo de progressão à qual são somadas as observações a respeito das virtudes e das qualidades do enunciado, o que, de fato, leva a pensar que esse modelo de descrição estoica estivesse na origem do plano de organização das *Artes grammaticae*, como a de Donato. O mesmo pesquisador afirma, no entanto, que a teoria dialética do estoicismo fazia parte de uma relação entre som e significado, isto é, *phône* e *logos*.

M. Baratin (1994: 149) elenca argumentos que demonstram a inaplicabilidade da associação entre o plano progressivo da dialética estoica e o da descrição gramatical antiga. Segundo esse pesquisador, a progressão gramatical depende de uma prática de leitura e escrita e de seu ensino elementar, segundo o qual o aluno primeiro aprende as letras, depois a juntar as letras em sílabas, as sílabas em palavras e, por fim, as palavras em orações. O esquema estoico, entretanto, consiste em “distinguir, em uma sequência fônica, os aspectos coexistentes em toda sua extensão” (BARATIN, 1994, 149), assim, não se trata de uma perspectiva ascendente do esquema estoico, mas, na verdade, de uma análise da relação entre som e significado.

Marc Baratin ainda elenca outros argumentos contrários a essa associação como, por exemplo, as maneiras com que a gramática antiga e a descrição estoica tratam os vícios e as virtudes da linguagem. Os estoicos, para Diógenes de Laércio, distinguiam cinco virtudes, sendo elas o helenismo, a clareza, a concisão, a precisão e a elegância e, dois vícios, o barbarismo e o solecismo; tomada como exemplo de um dos modelos das *Artes grammaticae*, entretanto, a terceira parte da *Arte maior* de Donato apresenta três conjuntos

¹ Trata-se da obra de Diógenes Laércio (*Vie des Philosophes*, VII, 43 – 83)

de vícios, o barbarismo, o solecismo e outros e, três de virtudes, o metaplasmo, as figuras e os tropos, segundo Dezotti (2011: 17).

Assim, é possível mesmo que esse esquema progressivo fosse uma apresentação habitual própria do estilo gramatical romano antigo e que sustentasse uma maior ligação com as concepções didático-pedagógicas que norteavam o ensino de língua latina do que com a doutrina estoica propriamente. A conclusão consensual a que chega Law (2003: 60) é a de que “*Roman grammatical tradition emerged out of an amalgamation of the Stoic-inspired logical analysis or propositions and the more formal concerns of Alexandrian textual critics*” (2003: 60), ou ainda, segundo Baratin (1994: 152) “*Une fois distinguées la logique interne de la description grammaticale artigraphique, et celle de la description stoïcienne, il est possible d’écarter tout parallélisme entre ces deux structures*”.

Os diferentes planos de organização das *Artes grammaticae*

A progressão gramatical *uox, littera, syllaba* faz referência à prática de ensino da língua latina, como já foi dito, por isso, tal sequência figura nas *Artes grammaticae*, uma vez que elas abrangem as matérias de caráter descritivo da língua de maneira didático-pedagógica.

Surpreende, no entanto, que, mesmo dispondo de um delimitado (embora extenso) conteúdo a descrever, as *Artes grammaticae* sejam tão díspares no que concerne à apresentação, à organização e ao direcionamento deste mesmo conteúdo. Difícil seria afirmar, assim, que as gramáticas latinas possuem uma estrutura interna fixa, conforme defende Baratin (1994: 150), ao contrário, pretende-se aqui demonstrar que o arcabouço das *Artes* difere-se e sob dois eixos:

- I. quanto à apresentação do conteúdo, isto é, a manutenção ou a transgressão da sequência preestabelecida *uox, littera, syllaba* e *pedibus*.
- II. quanto ao direcionamento do estudos, isto é, o encaminhamento dado pelo autor de modo a privilegiar ou focalizar alguns aspectos da matéria em detrimento de outros.

Para tal estudo analítico, tomar-se-á como *córpus* a *Ars grammatica* de Élio Aftônio e Mário Vitorino² e a *Ars maior* de Donato.

A *Ars grammatica* de E. Aftônio e M. Vitorino é um texto técnico, isto é, um tipo de texto em que a preocupação com a literariedade está ausente e cuja finalidade reside no elenco de saberes técnicos compilados para um público específico, aquele versado nas letras clássicas ou delas aprendiz.

Interessa para o presente estudo, sobretudo, o primeiro livro da obra *Marii Vitorini Artis Grammaticae Libri IIII*, o *Liber Primvs de Orthographia et de metrica ratione*³, nele M. Vitorino tece alguns comentários iniciais sobre a impulsão vocálica, sobre as letras do alfabeto, a formação das sílabas, a oposição entre sílabas breves e longas, arse e tese, ritmo, a composição de pés, metros e versos, isto é, o autor organiza o seu tratado na seguinte sequência: *de voce, de litteris; de orthographia; de syllabis; de enuntiatione litterarum; de syllabarum natura et conexione; de mensura longarum et breuium syllabarum; de arsi et thesi; de rhythmio; de pedibus; de metris; de colis metrorum; de uersu; de poetice; de strophe et antistrophe et epodo; de metrorum fine seu clausula; de epiploce id est metrorum amplexione; de tome siue incisione versuum; de vitus versuum*.

É possível identificar, logo de saída, que a obra *Marii Vitorini Artis Grammaticae Libri IIII* conserva os tópicos da progressão gramatical básica, no entanto, insere entre um e outro, quando melhor convier ao ensino, outros itens a serem abordados e direciona o estudo, item por item à compreensão da métrica latina, por isso a combinação de sílabas não gera a tradicional formação de palavras, mas a formação de pés métricos, uma vez que a *Ars grammatica* de Vitorino pretende-se um manual de métrica latina.

A inserção de novos itens é um dos fatores que produzem *Artes grammaticae* diferentes entre si. Fundamentada em uma estrutura de base, elementar, a *Ars grammatica*

² A respeito da organização e da dupla autoria – Élio Aftônio e Mário Vitorino – da obra *Marii Vitorini Artis Grammaticae Libri IIII*, os “Quatro livros de Mário Vitorino sobre a Arte Gramatical”, leia-se SIMÕES, 2013, 35 ss.

³ A primeira parte do *Liber Primvs de Orthographia et de metrica ratione*, até a página 31 – que concentra os capítulos sobre a *uox*, a *littera* e a *syllaba* – é tradicionalmente atribuída a M. Vitorino. A respeito dos estudos e pesquisadores que investigaram a autoria da obra *Marii Vitorini Artis Grammaticae Libri IIII*, leia-se SIMÕES, 2013, 35 ss.

de M. Vitorino e É. Aftônio é enriquecida ou ‘complexificada’ através da inserção desses itens que são como aprofundamentos da teoria básica inicial.

A fim de tornar esse estudo analítico mais interessante, optou-se por contrapor à *Ars grammatica* de É. Aftônio e M. Vitorino, outra que lhe é contemporânea⁴, cujo prestígio foi atestado ao longo do tempo: a *Ars maior* de Donato. Embora pouco se saiba sobre a vida de Donato, seus estudos sobre linguagem e discurso gramatical fizeram dele “um dos gramáticos antigos mais citados de todos os tempos, senão o mais”, de acordo com Dezotti (2011: 13).

Sua *Arte gramatical* atravessou séculos, tendo fornecido o modelo fundamental para a constituição das gramáticas vernaculares no início do Renascimento, e seu nome figura em praticamente todos os relatos sobre o conhecimento linguístico na Antiguidade, dos mais resumidos aos mais detalhados (DEZOTTI, 2011: 13).

Os tratados de Donato parecem se sobressair aos de sua época e posteriores devido ao grande esmero do autor quanto à organização de suas *Artes*, principalmente no que se refere à adequação pedagógica. É possível verificar que o texto de Donato descreve sistematicamente a língua latina utilizando-se, para tanto, do mesmo esquema progressivo de organização tão comum às *Artes grammaticae*: *uox*, *litterae* e *syllaba*. Se o conteúdo a ser tratado é assunto comum entre as artes gramaticais, e se a organização fundamenta-se sobre o mesmo esquema progressivo, o que haveria na obra de Donato que teria faltado aos demais artífices?

O rigor da exposição teórica da obra de Donato é o que parece destacar suas *Artes* das demais. O autor prima pela clareza e concisão, pela brevidade e pela perfeição formal ao descrever o sistema da língua latina, uma vez que tais atributos seriam capazes de auxiliar no processo de ensino-aprendizagem. Essas características da composição donatiana estariam, segundo Dezotti (2011: 14), no cerne da discussão sobre a supremacia das *Ars minor* e da *Ars maior* de Donato no campo das *Artes grammaticae*.

Tradicionalmente a *Ars Donati* é constituída de dois tratados, o primeiro, conhecido como *Ars minor* e o segundo, *Ars maior*, que, por sua vez, consiste na reunião de três outros

⁴ Segundo as supostas datas de nascimento e morte de Vitorino (280 e 363 d. C) e testemunhos de que Donato tenha composto as suas *Artes* por volta de 350 d.C., seria possível afirmar que os autores, e portanto, suas obras são contemporâneos.

tratados menores. Para o presente estudo, interessa sobremaneira a *Ars maior* que está organizada segundo a seguinte sequência: *Ars maior I: de voce; de littera; de syllaba; de pedibus; de tonis; de posituris. Ars maior II: de partibus orationis; de nomine; de pronomine; de verbo; de aduerbio; de participio; de coniunctione; de praepositione; de interiectione. Ars maior III: de barbarismo; de solecismo; de ceteris vitiis; de metaplasmo; de schematibus; de tropis.*

Observa-se que Donato segue rigorosamente a estrutura base do estudo progressivo da gramática latina, *uox, littera, syllaba*; à essa progressão somam-se os estudos das partes da oração (*Ars maior II*), e os estudos sobre os vícios e virtudes (*Ars maior III*). Conforme dito anteriormente, Donato prima pela concisão e clareza, talvez por isso, tenha-lhe parecido melhor ater-se ao essencial eliminando o acessório e as informações adicionais em prol de um texto mais objetivo e didático.

A elaboração do discurso na *Ars grammatica* de É. Aftônio e M. Vitorino e na *Ars Donati*.

Tendo tratado das diferentes formas de apresentação e organização do conteúdo a ser explorado nas obras de É. Aftônio e M. Vitorino, e de Donato, passa-se agora a uma pequena amostragem do direcionamento discursivo presente nas obras.

Será possível verificar, pelos excertos originais em cotejo com uma tradução proposta, que a obra de É. Aftônio e M. Vitorino tende a descrever e explicar minuciosamente o seu discurso de modo a torná-lo claro, sem ser, contudo, muito objetivo. Interessante observar também, nos tópicos selecionados para a presente exposição, a maneira como discurso é construído, direcionando o leitor à reflexão sobre os aspectos fônicos e rítmicos. Isso se deve ao fato de a obra *Marii Vitorini Artis Grammaticae Libri IIII* ter como foco, objetivo final, o estudo da métrica latina.

A obra *Marii Vitorini Artis Grammaticae Libri IIII* inicia sua exposição comparando o seu método de estudo com o de outros tratados, M. Vitorino diz que uns autores preferem iniciar os estudos pelos aspectos gramaticais, outros pelas definições com que se trabalhará em determinado estudo, alguns optam por iniciar a exposição pelo estudo das palavras e

outros ainda, como é o caso aqui, iniciam seu estudo do ponto inicial, da unidade mínima da língua escrita, a letra.

Artium grammaticarum scriptores quidam ab arte coeperunt, quidam a grammatica, quidam a definitione, quidam a voce, quidam a littera (VICTORINUS, 1961: 3)

Alguns escritores das artes gramaticais começaram pela arte, alguns outros pela gramática, outros ainda pela definição, alguns pela palavra, outros pela letra⁵.

O autor vai discorrer a respeito da *uox*, o ar pulsado que pode ser percebido pelo ouvido e reconhecido.

Vox est aer ictus auditu percipibilis, quantum in ipso est. (VICTORINUS, 1961: 4)

O som é o ar pulsado que pode ser percebido pela audição, quando chegar até o mesmo.

Tratar da *uox*, antes mesmo de abordar aquele assunto que inicialmente disse ser o mais importante, a unidade mínima da língua escrita, o alfabeto, é um fator somatório para a pesquisa que ora se realiza. Somatório porque vem corroborar com aquela que é considerada a base para os estudos sobre a métrica da antiguidade, qual seja, a produção de textos literários concebidos enquanto ato de fala, recitação.

Antes mesmo de adentrar no que diz M. Vitorino a respeito da *uox* é necessário dizer que este é um termo enredado, cheio de acepções. O dicionário Oxford traz como principais termos tradutórios ‘um som produzido pela voz humana’, ‘um som produzido por um instrumento musical’ ou ainda ‘um som produzido por quaisquer outras coisas’.

M. Vitorino identifica em seu texto essas três acepções. Estes são os modos de produzir o som, a *uox*, de forma articulada ou confusa.

Vocis formae sunt duae, articulata et confusa. (VICTORINUS, 1961: 4)

As formas (representações) do som são duas, articulada e confusa.

A forma articulada ainda pode ser subdividida em duas outras, aquela produzida por um instrumento musical, por isso um som uniforme, que pode ser escutado e compreendido,

⁵ As traduções, quando não estiverem acompanhadas de indicação de autoria, foram realizadas pela autora deste trabalho, exclusivamente para este estudo.

como a música entoada pelas flautas e trompetes a que Vitorino se refere em seu texto; ou ainda a *uox articulata*, produzida pelo aparelho fonador.

Articulata est quae audita intellegitur et scribitur et ideo a praeis que explanata, a non nullis intellegibilis dicitur. (...) Huius autem species quot sunt? Duae. Quae? Nam aut musica est, quae tibiis vel tuba redditur aut quolibet organo, aut communis, quae promiscue omnes utuntur (VICTORINUS, 1961: 4).

Articulado é o (som) que é escutado, discernido, escrito e, por isso, por quase todos compreendido, por todos é chamado inteligível. (...) Também, quantas são as espécies dele? Duas. Quais? De fato, ou é música, entoada pelas flautas ou trompete ou por um órgão não importa para onde ou [é] comum, que todos usam normalmente.

O som confuso compreenderia aos sons dos animais, que também é formado pela pulsação do ar, mas é ininteligível, ou mesmo aos ruídos como o ranger de objetos. Segundo M. Vitorino, o ranger de objetos também provoca uma onda sonora que nos chega até os ouvidos; a onda sonora não deixa de ser o ar pulsado, mas certamente difere da pulsação do ar a partir do aparelho fonador de um ser vivo, homem ou animal.

Confusa autem est quae nihil aliud quam simplicem vocis sonum emitti, ut est equi hinnitus, anguis sibilus, plausus, stridor et cetera his similia. (VICTORINUS, 1961: 5)

Por outro lado, o confuso é o que nenhum outro que emite um simples ruído de som, como é o relinchar do cavalo, o silvar da serpente, o bater das asas, o ranger e tudo mais semelhante a esses.

Ao centrar os esforços na *uox articulata* M. Vitorino limita os estudos à produção do som a partir do aparelho fonador humano, e com isso, retorna ao que inicialmente elegeu como pontos mais importante: *uox est littera*. O som é letra. O som articula-se em torno das letras, afinal, é a partir da letra que falamos.

Omne autem explanatarum // vocum initium et individua uox est littera, ex qua articulata uox existit et in quam ultimam resolvitur, unde consequens est ut de littera dicamus. (VICTORINUS, 1961: 5)

No entanto, todo início da explanação dos sons, bem como cada som unitário é uma letra, a partir da qual um som articulado emerge e nesta última se resolve; deve-se seguir, daí, que falemos de letras.

Este debate inicial amplia-se para outras duas questões. *dictio est figura significantium vocum: oratio est dictio significans vel compositio dictionum significantium consummans unam sententiam*. A expressão é o som que significa, o que chamamos modernamente de prosódia. O discurso é essa expressão significativa que produz uma sentença.

Sed prius est ut elementum et dictionem et orationem definiamus. elementum est unius cuiusque rei initium, a quo sumitur incrementum et in quod resolvitur: dictio est figura significantium vocum: oratio est dictio significans vel compositio dictionum significantium consummans unam sententiam. (VICTORINUS, 1961: 6).

Mas, primeiramente é como definimos elemento, expressão e discurso. O elemento é de quem pertence o início de uma expressão, a quem se atribui crescimento e no qual é resolvido. *Dictio* [expressão] é a configuração da voz significante, discurso é a expressão significante ou composta de significado resultando uma sentença.

M. Vitorino dirá então, que a letra, isto é o grafema, será o som simples, “*littera est uox simplex*” (VICTORINUS, 1961: 6), uma pulsação do ar. Cada som, quando articulado, isto é, produzido de forma racional, almejando a comunicação, tem sua representação gráfica, o grafema, a letra, “*ideo quia una quaeque littera suam figuram habet*” (VICTORINUS, 1961: 6). A junção de várias letras, segundo determinadas regras de ortografia, levará à formação das sílabas; quando a letra for uma vogal, no entanto, ela mesma é capaz de formar uma sílaba “*nam syllabae pluribus figuris, id est litteris, notantur, nisi cum vocales vice syllabarum funguntur*” (VICTORINUS, 1961: 6).

A *Ars Donati* prima pela clareza e concisão e tem como principal objetivo trazer uma abordagem simples, mas completa do sistema da língua latina. Assim, enquanto M. Vitorino deteve-se minuciosamente sobre os tópicos como *uox*, *syllaba* e *littera*, Donato passará muito rapidamente sobre esses itens, fornecendo ao seu leitor, apenas um apanhado dos conceitos gerais. Assim, não será difícil notar as diferenças que existem nas abordagens de M. Vitorino e Donato, para tanto, utilizar-se-ão trechos da tradução anotada de Lucas Dezotti (2011), em cotejo com os trechos correspondentes do latim recolhidos do banco de dados eletrônico *Corpus grammaticorum Latinorum*.

Sobre a voz, Donato faz uma breve descrição do que seja e das suas propriedades:

Vox est aer ictus, sensibilis auditu, quantum in ipso est. Omnis uox aut articulata est aut confusa. Articulata est quae litteris comprehendi potest; confusa quae scribi non potest. (DONATO, 1981: 603)

Voz é ar percutido, sensível à audição enquanto ela está nele. Toda voz ou é articulada ou é confusa. Articulada é a que pode ser apreendida pelas letras; confusa é a que não pode ser escrita (DEZOTTI, 2011: 130).

A respeito das letras, o autor diz que nascem da impulsão vocálica e que são a mínima parte da voz articulada distinguindo ainda, as vogais das consoantes e semivogais.

Littera est pars minima uocis articulatae. Litterarum aliae sunt uocales, aliae consonantes. Consonantium aliae sunt semiuocales, aliae mutae. Vocales sunt quae per se proferuntur et per se syllabam faciunt. Sunt autem numero quinque, a e i o u. (DONATO, 1981: 604)

Letra é a menor parte da voz articulada. Das letras, umas são vogais, outras consoantes. Das consoantes, umas são semivogais, outras mudas. Vogais são aquelas que podem ser pronunciadas sozinhas e, sozinhas, fazem uma sílaba. São em número de cinco: a e i o u (DEZOTTI, 2011: 130).

Harum duae, i et u, transeunt in consonantium potestatem, cum aut ipsae inter se geminantur aut cum aliis uocalibus iunguntur, ut Iuno, uates. Hae etiam mediae dicuntur, quia in quibusdam dictionibus expressum sonum non habent, i ut uir, u ut optumus. Extra quam formam u littera interdum nec uocalis nec consonans habetur, cum inter q litteram consonantem et aliquam uocalem constituitur, ut quoniam, quidem. Huic item digammon adscribi solet, cum sibi ipsa praepositur, ut seruus, uulgus. Nam i litteram geminari in una syllaba plurimi negant. (DONATO, 1981: 605)

Das delas, i e u, passam a ter propriedade de consoantes quando elas próprias se associam ou quando se juntam a outras vogais, como *Iuno, uates*. Também são chamadas de intermediárias, porque em algumas palavras não têm um som claro, i como *uir*, u como *optumus*. Além dessa forma, algumas vezes a letra u não é considerada nem vogal nem consoante, quando se coloca entre a consoante q e uma vogal, como *quoniam, quidem*. Também costuma ser associada ao *digama*, quando ela própria precede a si mesma, como *seruus, uulgus*. Já a letra i, a maioria nega que se possa duplicar numa única sílaba. (DEZOTTI, 2011: 130-1).

Surpreende a concisão e brevidade com que Donato descreve as sílabas e as regras ortográficas às quais elas obedecem para combinarem entre si. É tal a pontualidade do discurso de Donato que, na tradução, Dezotti optou por organizar a exposição em tópicos.

Syllaba est comprehensio litterarum uel unius uocalis enuntiatio temporum capax. Syllabarum aliae sunt breues, aliae longae, aliae communes. (DONATO, 1981: 605)

Sílaba é um conjunto de letras ou a enunciação de uma única vogal capaz de conter tempos. Das sílabas, algumas são breves, outras são longas, outras são comuns (DEZOTTI, 2011: 132).

Sunt etiam syllabae, quae communes dicuntur, cum aut correptam uocalem duae consonantes secuntur, quarum prior aut muta quaequam est aut f semiuocalis et sequens liquida; aut cum correpta uocalis in unam desinit consonantem sequente h, quae plerisque adspirationis uidetur nota; aut cum correptam uocalem duae consonantes secuntur, quorum prior s littera est; aut cum partem orationis terminat breuis syllaba, quae in unam desinit consonantem; aut cum pars orationis desinit in longam, quae diphthongos appellatur, sequente statim uocali; aut cum producta uocalis est uocali altera consequente; aut cum pronomen c littera terminatum uocalis statim subsequitur; aut cum correptam uocalem suscipit z consonans Graeca duplex. (DONATO, 1981: 606)

Há também sílabas que são chamadas de comuns:

- ou quando uma vogal breve é seguida por duas consoantes, das quais a primeira é uma muda ou a semivogal f, e a seguinte é líquida;

- ou quando uma vogal breve termina em uma única consoante seguida por h (que à maioria parece ser sinal de aspiração);
- ou quando uma vogal breve é seguida por duas consoantes, das quais a primeira é a letra s;
- ou quando a parte da oração termina em sílaba breve que termina numa única consoante;
- ou quando a parte da oração termina na longa chamada ditongo, imediatamente seguida por vogal;
- ou quando a vogal é longa e é seguida por outra vogal;
- ou quando um pronome terminado pela letra c é seguido imediatamente por vogal;
- ou quando a consoante grega dupla z recebe uma vogal breve.

A sílaba longa tem dois tempos, a breve um. Entre os metricistas, a sílaba é denominada meio-pé (DEZOTTI, 2011: 132).

Considerações finais

A *Artes grammaticae*, embora apresentem uma estrutura mínima inicial comum, essa deve ser considerada mais como um modelo didático-pedagógico bastante funcional, uma vez que a composição desse tipo de tratado nasce da necessidade de se reger e catalogar e elaborar um material para a transmissão dos conhecimentos sobre o sistema da língua latina, do que como um plano adotado consensualmente ou por influência de alguma doutrina estoica.

Esse modelo didático-pedagógico parte dos elementos mais rudimentares da língua aos mais complexos, como uma progressão. No entanto, a diversidade de planos adotados pelos gramáticos deve-se principalmente à focalização de cada tratado. Um ‘detalhe’, como define Baratin, que cada gramático escolherá para tratar mais especificamente poderá guiar a organização a exposição das teorias linguísticas e o discurso adotado pelo autor.

En d'autres termes, je ne pense pas que la diversité des plans adoptés par les grammairiens latins tienne à un quelconque souci de se démarquer les uns des autres, à l'amour de l'un pour les travaux de marqueterie ou au goût d'un autre pour les paquets de fiches, mais au fait que les grammairiens ne disposaient plus, au moins à partir du 3^e.s., des moyens de répéter la moindre cohérence dans le matériau à décrire (BARATIN, 1994: 153)

Em suma, a organização da *Ars grammatica* de M. Vitorino é motivada pelo fator preponderante ‘métrica’. Com o objetivo final de compor um tratado métrico, no qual fossem

expostos conceitos e teorias a respeito dos maiores diversos metros da lírica latina, os autores terão como resultado um manual rico em demonstrações e detalhes acerca do funcionamento do sistema linguístico.

O texto da *Ars grammatica*, por ter um propósito bastante claro, o de compor um tratado métrico, terá, por isso, um público-leitor-alvo restrito. O manual terá, assim, um nível alto de complexidade de teorias e conceitos, uma vez que ao autor é permitido aprofundar-se na matéria tratada. Isso não impede, no entanto, que um aprendiz das *artes grammaticae* não possa compreender os ensinamentos métricos ali contidos, ao contrário, dado que o texto prima pela descrição e detalhamento nas exposições. A forma como M. Vitorino expõe os conceitos pode ser menos objetiva do que a forma como Donato constrói a sua *Ars*, mas, não se pode negar que aquele autor também se esforça por ser claro e didático.

A organização da Arte maior em três partes é tão somente uma variante do modelo de progressivo do ensino de língua. Observa-se, então, sempre a preeminência do modelo sistemático de estruturação sempre orientado por escolhas pedagógicas.

O cuidado com a concisão, clareza e objetividade do seu tratado, somado à completude da obra, certamente foram fatores que fizeram com que as *Artes* de Donato atravessassem séculos e fornecessem “o modelo fundamental para a constituição das gramáticas vernaculares” (DEZOTTI, 2011: 13). Donato permanecerá com o seu nome talhado na história da do conhecimento linguístico e sua obra será sempre “caracterizada pelo sucesso” (DEZOTTI, 2011: 13).

Referências bibliográficas

- AUROUX, Sylvain (dir.) *Histoire des idées linguistiques*. Liège: Pierre Mardaga, 1989.
- BARATIN, Marc; DESBORDES Françoise. *L'analyse linguistique dans l'Antiquité Classique. Vol. 1: Les théories*, avec la participation de Philippe Hoffman et Alain Pierrot, Paris: Klincksieck. 1981
- BARATIN, Marc. La constitution de la grammaire et de la dialectique. In: AUROUX, Sylvain (dir.). *Histoire des idées linguistiques*. Liège: Pierre Mardaga, p. 186-206, 1989.
- BARATIN, Marc. Sur la structure des grammaires antiques. In: DE CLERQ, Jan. & DESMET, Piet. [edit.] *Florilegium historiographiae linguisticae – Études d'historiographie de la linguistique et de grammaire comparée à la mémoire de Maurice Leroy*. Peeters: Louvain-la-Neuve, 1994.

Corpus grammaticorum Latinorum. Accès aux sources grammaticales de la Latinité tardive: recherche, parcours textuels et bibliographie. Endereço eletrônico: <http://htl2.linguist.jussieu.fr:8080/CGL/text.jsp>.

CURTIUS, Ernst Robert. Literatura e educação. In _____. *Literatura europeia e idade média latina*. Trad. Teodoro Cabral e Paulo Rónai. São Paulo: Hucitec/EdUSP, 1996, p. 71-98.

DEZOTTI, Lucas Consolin, *Arte menor e Arte maior de Donato: tradução, anotação e estudo introdutório*. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – USP, 2011 (dissertação de mestrado – programa de Pós-graduação em Letras Clássicas).

DONATO. *Ars Donati grammatici urbis Romae*. (Ed. L. Holtz). In: Holtz 1981. [Acessado via CGL].

FORTES, Fábio da Silva, As Institutiones grammaticae de Prisciano de Cesareia no pensamento metalinguístico greco-romano *Revista Eletrônica Antiguidade Clássica*. No. 005, pp.69-84, 2010.

FORTES, Fábio da Silva. *Sintaxe greco-romana: Prisciano de Cesareia e Apolônio Díscolo na história do pensamento gramatical antigo*. Tese de doutorado. Campinas/SP, Instituto de estudos da linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 2012.

KASTER, Robert. A. *Guardians of Language: The Grammarian and Society in Late Antiquity*. Berkeley: University of California Press, 1986.

LAW, Vivien. *The history of linguistics in Europe from Plato to 1600*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

ROBINS, R. H. *Pequena história da linguística*. Tradução de L. M. Monteiro de Barros. Rio de Janeiro / Brasília: Ao Livro Técnico / Instituto Nacional do Livro / Ministério da Educação e Cultura, 1979.

SIMÕES, V.C.L. *Quod erat demonstrandum: os exempla no discurso gramatical de Mário Vitorino e Élio Afônio*. Araraquara: Faculdade de Ciências e Letras- UNESP- FLCAr, 2013 (dissertação de mestrado- programa de Estudos Literários).

VICTORINUS. *Marii Victorini Artis Grammaticae Libri IIII*. In: KEIL, H. (KEILII, H). *Grammatici Latini, vol. VI: Scriptorum Artis Metricae*. Leipzig: Georg Olms Verlagsbuchhandlung, 1961, 6 v.